a realidade e para as necessidades dos alunos e a pedagogia de projetos busca suprir essa necessidade reestruturando a prática de ensino e as posturas do educador, tornando a educação uma prática efetiva onde o aluno e o professor possa se realizar cada um na sua função, sendo o professor um mediador do conhecimento e não o detentor de todo o saber.

A pedagogia de projetos torna-se uma metodologia adequada para ajudar na formação de um adulto mais consciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, Isabel. Escola Reflexiva e Nova Racionalidade: Porto Alegre: Artmed, 2011.

CURY, C.R.J. Democracia e Construção do Público no Pensamento

Educacional Brasileiro/ Organizado por Osmar Fávero, Giovani Semeraro. Petrópolis. RJ: Vozes, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. São Paulo: Nova Fronteira, 1988.

GARDNER, H. Estruturas da Mente - A teoria das inteligências múltiplas. 1ª ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

HERNADEZ, Fernando. Transgressão e mudança na educação: Projetos de trabalho. Porta Alegre: Artmed, 1998.

LEITE, Lúcia Helena Alvarez. Pedagogia de Projetos: intervenção no presente.

Presença Pedagógica: Belo Horizonte: Dimensão, 1996.

NASCIMENTO, A. L. B. Gestão da escola pública brasileira: desafios contemporâneos. Revista Faced nº. 09, 2005, pp. 157-170. UFBA. Disponível em http://www.revistafaced.ufba.br/. Acesso: 30/08/2018.

PARO, Vitor. Gestão Democrática da Escola Pública: São Paulo: Atica, 2001.

PIAGET, Jean. O diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio. São Paulo: SCIPIONE, 1997.

SECCO, Lincoln. Gramsci e a revolução. São Paulo: Alameda, 2006.

SINACOEUR apud LENOIR, Y. Três interpretações da perspectiva interdisciplinar em educação em função de três tradições culturais distintas. Revista E-Curriculum, São Paulo, v. 1, n. 1, dez-jul, 2005. Disponível em . http://www.usherbrooke.ca/crcie/fileadmin/sites/crcie/documents/2049.pdf. Acesso em 20/07/2018.

ZABALA, Antoni. A Prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

AS CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA O DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

LUCIENE DA SILVA SANTOS

RESUMO

A contação de histórias permite às crianças o desenvolvimento de habilidades essenciais, de modo que a imaginação seja um elemento fundamental para a construção dos saberes infantis. Diante desta realidade, este trabalho buscou refletir acerca da importância da conta-

ção de histórias para o desenvolvimento e aprendizagem na Educação Infantil, a partir de uma prática docente intencional, que permite à criança integrar imaginação e realidade nas narrativas e ações vividas pelas personagens. Para tanto, este estudo objetivou analisar as contribuições da contação de histórias para o desenvolvimento na Educação Infantil, por meio de uma pesquisa bibliográfica, justificando a relevância do estudo pela necessidade de compreender como as crianças alcançam o desenvolvimento de habilidades fundamentais a partir da contação de histórias, mesmo que não seja uma prática exclusivamente pedagógica, devido a possibilidade de entretenimento atribuída à atividade. Após a elaboração do trabalho foi possível observar que a contação de histórias depende de uma prática dinâmica, cabendo ao professor contador superar a condição de transmissor, para atribuir significados das palavras e permitir às crianças que construam suas próprias hipóteses, favorecendo o desenvolvimento das habilidades infantis.

Palavras-chave: Contação de História. Educação Infantil. Prática Pedagógica.

INTRODUÇÃO

A contação de histórias na Educação Infantil representa uma prática importante para o desenvolvimento das crianças, pois permite que a imaginação seja uma protagonista na busca pela resolução de conflitos internos infantis, ou seja, quando ouve uma história, a criança transforma as ações das personagens em possibilidades, transportando à sua realidade como artifício para solucionar problemas pessoais (BUSATO, 2010).

Uma história deve ser contada como uma prática intencional, envolvendo diversão e aprendizagem, de modo que as crianças queiram ouvir os contos. Neste contexto, cabe ao professor contador adotar estratégias que despertem o interesse da turma, atribuindo vida a cada personagem, bem como transformando as palavras em significados às crianças, por meio da entonação da voz, convidando cada criança a participar da história (FERREIRA, 2009).

A contação ainda auxilia as crianças na interpretação, compreensão e formação de opiniões, além de aprender a respeitar as falas dos colegas, manifestar emoções e interagir socialmente, representando uma prática pedagógica e de entretenimento, permitindo que imaginação e realidade ocupem espaços importantes na formação da criança (RIBEIRO, 2015).

Sendo assim, este trabalho buscou refletir acerca da importância da contação de histórias para o desenvolvimento e aprendizagem na Educação Infantil, enfatizando a necessidade do professor contador em adotar estratégias relevantes para o sucesso da prática da contação, despertando o interesse na turma pela narrativa, bem como estimulando a participação das crianças, a fim de que a imaginação e realidade estejam integradas ao universo infantil.

Para tanto, este estudo objetivou analisar as contribuições da contação de histórias para o desenvolvimento na Educação Infantil. Dentre os objetivos específicos que nortearam a realização dos

estudos, destacam-se: identificar as características e evolução da contação de histórias; relacionar a importância da prática da contação de histórias para a infância; analisar as estratégias docentes para o sucesso da contação de histórias.

A relevância deste trabalho justifica-se pela necessidade compreender como as crianças alcançam o desenvolvimento de habilidades fundamentais a partir da contação de histórias, mesmo que não seja uma prática exclusivamente pedagógica, devido a possibilidade de entretenimento atribuída à atividade. O professor contador de histórias precisa transformar este momento em algo significativo, despertando o interesse da turma por cada passagem narrada, bem como permitir que a imaginação das crianças faça parte da contação, proporcionando momentos de suspense, de continuação da história e demais situações que favorecem a participação das crianças na narrativa.

Como metodologia, utilizou-se a pesquisa bibliográfica com revisão de literatura, que favorece a construção de ideias a partir de referências já realizadas por diferentes autores que tratam os temas estudados.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA INFÂNCIA

A contação de histórias caracteriza-se como uma ação que antecede a escrita, sem que seja possível precisar uma data exata de início para a atividade. Desde o princípio, homens e mulheres reuniam-se para contar fatos e situações oralmente, sem registrar o que acontecia, transformando em uma tradição o repasse da cultura e história das populações, impulsionando a existência de contadores de história (GARCIA, 2010).

Um dos povos que exemplificam a prática da contação de histórias são os indígenas, que atribuíam aos círculos de conversa em volta da fogueira, um significado importante para compartilharem experiências cotidianas, sabedoria e tradições. O contador de histórias que representava os índios estava simbolizado na figura do pajé, considerado o mais sábio, que repassava a arte e cultura para as novas gerações, garantindo a existência e costumes de sua tribo (OLIVEIRA, 2013).

Para que a contação de histórias ocorra, faz-se necessária a existência de um contador e de ouvintes, de modo que a experiência seja efetivada na interlocução e interpretação dos fatos narrados, sendo fundamental o envolvimento do narrador com o público, transformando as palavras em algo interessante àqueles que ouvem (GARCIA, 2010).

Ao longo dos séculos, a contação de histórias passou a ser considerada uma prática comum, com propósitos que variavam, conforme a necessidade das comunidades. No caso da Igreja, a religião foi propagada a partir das histórias sobre pecados e situações que desagradavam a Deus, bem como a importância das altas patentes dentro da Igreja, que deveriam ser respeitadas por todos, a fim de consolidar e conservar as tradições religiosas que fundamentaram decisões durante anos (BUSATO, 2010).

A partir do desenvolvimento da escrita e fragmentação da sociedade, com povos mais espalhados, unindo-se confor-

me a cultura e tradições, a oralidade das histórias permaneceu, porém os registros dos fatos narrados tornaram-se uma prática mais comum, transformando contadores de histórias em referência. Como as histórias poderiam ser escritas, os contadores deveriam apresentar sua sabedoria para além dos livros, sempre agregando vivências pessoais às leituras (CALDIN, 2012).

Os contadores de histórias representavam o poder de mexer com a imaginação das pessoas, determinando-se como uma prática voltada apenas aos adultos, de modo que histórias eróticas e fatos do cotidiano profissional preenchiam os ouvidos da população (MORENO, 2009).

Aos poucos, as histórias passaram a representar uma importante ferramenta às crianças, devido a possibilidade de despertar o interesse pela aprendizagem e desenvolvimento da imaginação. Os contadores foram transformando contos para adultos em adaptações infantis, intencionando o encantamento das crianças pelas palavras (BUSATO, 2010).

Durante a vida escolar, a criança tem contato com livros e histórias de diferentes gêneros, porém, o que mais chama atenção, especialmente na fase da Educação Infantil, são os contos de fadas, devido à magia atribuída aos heróis e princesas, em que vilões são derrotados por mocinhos, proporcionando o desenvolvimento de diferentes habilidades e capacidades infantis (SILVA, 2012).

"Quando uma criança escuta um conto de fadas, sua imaginação atravessa as fronteiras e permite a construção de mundo que existem em sua mente, mas influenciam sua realidade" (BORGES, 2010, p.18).

Deste modo, a contação de histórias para uma criança trata-se de uma prática importante, envolvendo ensinamentos, desenvolvimento e diversão. A criança consegue transformar os contos em algo significativo, de modo que imaginação e realidade sejam fatores conjuntos, facilitando as decisões da criança.

Os contos infantis podem auxiliar as crianças na externalização de necessidades e medos, bem como permitir associações que facilitem a resolução de problemas. Sendo assim, o ato de contar histórias é fundamental para o desenvolvimento infantil, favorecendo a compreensão de situações mais complexas às crianças, que podem ser interpretadas a partir da imaginação (BUSATO, 2010).

A contação de histórias caracteriza-se como uma prática comum ao cotidiano infantil, iniciando desde o contexto familiar e estendendo às atividades escolares. Na sociedade moderna, porém, essa prática vem perdendo espaço, diante da facilidade de acesso às mídias sociais e de comunicação, que podem interferir na contação de histórias ao oferecer uma proposta mais atraente e imediata às crianças, refletindo no desenvolvimento da imaginação infantil (OLIVEIRA, 2013).

O ato de contar e ouvir histórias representa uma importante ferramenta para o desenvolvimento infantil, pois a criança recria situações e transforma o imaginário em comunicação, alcançando sucesso nas situações reais. Portanto, oportunizar a contação de histórias desde

cedo, para a aprendizagem infantil, amplia as chances de descobertas e interpretação das situações da realidade, bem como a construção da identidade social e cultural da criança (GARCIA, 2010).

"Ouvindo histórias a criança recebe o conhecimento que será utilizado para resolver seus problemas em diferentes contextos de sua vida" (OLIVEIRA, 2013, p.24).

Portanto, por meio da imaginação, a criança consegue estabelecer relações entre seu pensamento e a realidade ao redor, ampliando a capacidade criativa, potencializando as habilidades essenciais e aprendendo a interpretar as diferentes situações do mundo.

Segundo Garcia (2010), a exploração dos detalhes das histórias representa um papel fundamental na formação dos sujeitos, de modo que cada especificidade da narrativa represente uma realidade ao mundo da criança. Sendo assim, a escolha pelos gêneros também é fundamental para chamar a atenção da criança, convidandoa para participar da construção do conhecimento a partir da contação de histórias.

A contação de histórias trata-se de um processo complexo, que exige preparação do contador, bem como ambientação do ouvinte, ou seja, a narrativa não pode ocorrer de maneira improvisada, escolhida apenas como um passatempo para as crianças, tampouco uma ação mecanizada e automática, sendo fundamental o preparo e o conhecimento prévio da história pelo narrador (BUSATO, 2010).

A interpretação daquilo que é lido também representa um elemento importante à contação de histórias, exigindo do contador o devido envolvimento com a narrativa, a fim de que ocorra uma aproximação com a realidade, especialmente na leitura realizada às crianças, que precisam dessa mediação para compreender as intenções, exemplos e significados de uma história (AMARAL, 2014).

Segundo Oliveira (2013), a partir da contação de histórias, as crianças desenvolvem diferentes habilidades, desde a imaginação e criatividade, até o raciocínio e a criticidade. Portanto, faz-se indispensável analisar os conteúdos das histórias que serão narradas, a fim de que sejam oportunizadas às faixas etárias correspondentes, de modo que a contação alcance os objetivos propostos.

A escolha de histórias para a contação varia conforme a idade da criança, cabendo a indicação da adoção de narrativas com fantoches e brinquedos para crianças até os dois anos de idade, pois a atenção nesta faixa etária é menor, dependendo de movimentos e animações para manter a criança na posição de ouvinte. Deste modo, histórias mais curtas, com imagens coloridas e brinquedos que possam representar palavras são importantes para a referida idade (BUSATO, 2010).

Entre os três e seis anos, a contação de histórias deve envolver narrativas fantasiosas, com momentos inesperados e ações repetidas, além de envolver animais e crianças nas histórias, direcionando ao reconhecimento do ouvinte pelos fatos, de modo que os associe à realidade. Nesta faixa etária, a tendência é que as crianças solicitem a mesma narrativa muitas vezes, acentuando as características das perso-

nagens (GARCIA, 2010).

Neste momento, entre os três e seis anos de idade, a indicação pela escolha dos contos de fadas como principal elemento da contação de histórias representa uma importante ferramenta de diversão à aprendizagem (COSSON, 2010).

Os contos de fadas permitem que a fantasia esteja presente, além de favorecer a associação com os personagens das tramas, direcionando a criança à percepção dos problemas interiores, encontrando nas sequências da história meios de resolver seus conflitos, baseando-se nas escolhas dos envolvidos no conto (BUSATO, 2010).

Portanto, a história dentro do contexto infantil representa uma condução das ideias da criança de forma criativa, de modo que a imaginação não seja interrompida para início ao processo de aprendizagem, mas caracterize uma experimentação. Quando a criança encontra nas personagens de um conto os conflitos internos que a acompanha, a condução dos problemas ocorre naturalmente, apresentando alternativas para que sentimentos e emoções sejam encarados e vividos.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O percurso histórico que define a evolução da educação apresenta uma percepção inicial da criança bem diferente do contexto atual. A infância simbolizava o momento de preparação da criança para a vida profissional, sendo tratada como um adulto mirim, de modo que a formação estava baseada na necessidade dos filhos seguirem a postura dos pais e pessoas próximas, utilizados como referência de sucesso (CALDIN, 2012).

Durante este momento, a contação de histórias representava a transferência de saberes, em que os adultos contavam aos mais novos experiências e vivências próprias ou de conhecidos, a partir de linguagens adultas, explorando as habilidades da criança para formação de futuros jovens capacitados para o mercado de trabalho, negócios e construção de uma família. As crianças vestiam-se e comportavam-se como adultos mirins, aprendendo a sobreviver desde cedo à vida adulta, sem experimentar atividades de criança (BORGES, 2010).

Apenas após o século XIII a infância passou a ser considerada uma fase importante para o desenvolvimento do indivíduo, cabendo aos autores de histórias a adaptação dos contos para uma linguagem mais própria às crianças, com animações, fantasias e símbolos significativos ao cenário infantil (VALE E SOUZA, 2014).

Apesar desta breve iniciação, as crianças que frequentavam as escolas recebiam o atendimento assistencialista, permitindo que fossem acompanhadas em relação à saúde e segurança, enquanto seus familiares trabalhavam, caracterizando uma Educação Infantil precária, sem relevância para o desenvolvimento de habilidades essenciais à formação humana (NEDER, 2011).

Com a Constituição Federal de 1988, a diferenciação para a Educação Infantil como fundamental na formação e desenvolvimento da criança passou a ser considerada e respeitada, incentivando pesquisadores da área da educação à bus-

ca por melhorias no processo de ensinar e aprender da criança, apresentando às instituições de ensino, modelos, métodos e estratégias para atendimento das necessidades infantis (CALDIN, 2012).

A partir da Constituição Federal de 1988, o Estado passou a assumir o dever de assegurar educação às crianças, com faixa etária até os seis anos de idade, atribuindo significado à Educação Infantil, transformando as atuais concepções sociais e políticas acerca da relevância do desenvolvimento na fase da infância para a formação do sujeito, deixando ainda o caráter assistencialista de lado, para iniciar o processo de ensino-aprendizagem (VALE E SOUZA, 2014).

A determinação da Educação Infantil como fase inicial da escolarização adquiriu mais força com a promulgação da Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1996, quando as crianças entre zero e seis anos, já asseguradas quanto ao direito à educação, passariam a receber diretrizes para embasar o currículo, voltado ao desenvolvimento integral e aprendizagem significativa para as crianças, visando potencializar as habilidades infantis em aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais (FERREIRA, 2009).

Ao longo das décadas, cada vez mais ocorre a compreensão de que o desenvolvimento da criança depende de etapas enriquecidas com informações claras, que sejam compreendidas pelos sujeitos ainda em formação. A interpretação e entendimento daquilo que a criança ouve depende de assimilações e experimentações, possibilitadas a partir da imaginação que é inserida na realidade da criança, transformando a fantasia em algo significativo (NEDER, 2011).

Deste modo, a contação de histórias, especialmente na fase da infância, precisa contemplar contos e histórias enriquecidas com linguagem apropriada, com situações de fácil associação, palavras possíveis de compreender e interpretar, além de elementos que misturem fantasia e realidade, a fim de que a criança, aos poucos, construa sua própria informação e conhecimento (CALDIN, 2012).

O mundo da criança depende de informações claras e objetivas, composta por palavras e expressões que estejam presente em sua realidade, de modo que seja possível compreender o que ouve. Sendo assim, quando a contação de histórias está presente nos diferentes contextos da criança, o desenvolvimento, aprendizagem e formação ocorrem de forma natural, sem prejuízos, com base sólida, alcançando os objetivos esperados, especialmente na fase da escolarização (BORGES, 2010).

A contação de histórias não precisa ser iniciada apenas como um momento de aprendizagem, mas deve conter distração e entretenimentos, desde que este não seja o único propósito da narração. O importante é que o contador escolha histórias apropriadas às faixas etárias, utilizando diferentes meios para a narração, envolvendo as crianças, além de potencializar o desenvolvimento da oralidade, socialização e capacidade cognitiva da turma (VALE E SOUZA, 2014).

Uma história para a criança, quando bem escolhida e narrada, representa um novo mundo, com possibilidades abertas de vivências, desde que o contador

planeje as atividades e ações relacionadas à contação. A viagem pela história permite que a criança amplie seu vocabulário, conheça outras culturas, aprenda características diferentes, entre outras situações (NEDER, 2011).

A partir na contação de histórias, a criança entende que existe o bem e o mal, sendo capaz de interpretar criticamente as decisões tomadas, que podem ser estendidas a sua vida real. Esta situação permite o desenvolvimento da capacidade psíquica da criança, oportunizando a assimilação, especialmente entre a imaginação e a realidade (FERREIRA, 2009).

Para a criança, a contação de histórias proporciona a criação de mecanismos para solução de problemas internos, bem como a capacidade criativa e dinâmica, permitindo que a criança explore o imaginário, mas aprenda a lidar com a realidade. As personagens representam experiências significativas às crianças, de modo que uma atitude simbolize uma possibilidade ou estratégia adotável, cabendo à externalização dos sentimentos, angústias e necessidades infantis (SILVA, 2012).

Na fase da Educação Infantil, especialmente entre os três e seis anos de idade, os contos de fadas representam uma opção significativa para a contação de histórias, principalmente devido à amplitude de assuntos e caracterizações abordadas, que misturam fantasia e realidade a partir da construção de personagens enriquecidos de sentimentos e ações, desde angústias e medos, até realizações e sucesso (VALE E SOUZA, 2014).

Segundo Borges (2010, p.41): “As personagens dos contos de fadas têm sentimentos semelhantes à humanidade, incentivando ações parecidas com as tomadas por diferentes culturas do mundo real”.

Portanto, escolher um conto de fadas para narrar às crianças representa oportunizar meios para solucionar problemas, bem como permitir o desenvolvimento de diferentes habilidades humanas, direcionando a criança a resolução de conflitos, construção de hipóteses, além de associação entre imaginação e realidade.

A contação de histórias para as crianças ainda incentiva a leitura nas próximas fases da vida, ampliando as chances de formação de leitores, situação que favorece a concretização das habilidades críticas e interpretativas. O prazer por ouvir histórias, despertado na infância, aumenta as chances da criança buscar a leitura como recurso de aprendizagem na fase mais adulta (CALDIN, 2012).

As histórias, como os contos de fadas, despertam na criança a sensação de alegria e prazer, de modo que seja possível realizar as atividades cotidianas baseadas nas decisões das personagens, mas acima de toda a fantasia, a criança consegue perceber o que é real e o que é imaginação. As histórias agregam à criança ensinamentos positivos, sedução e divertimento, desde que desperte o interesse da turma (VALE E SOUZA, 2014).

A contação de histórias ainda favorece o desenvolvimento dos valores éticos, a partir dos estímulos mentais, bem como a organização de ideias e contextos, possibilitando a interação entre as crianças, refletindo no desenvolvimento da au-

toestima, sentimento de pertencimento e cooperação social (NEDER, 2011).

A criança que passa pela experiência da contação de histórias apresenta maior facilidade para socializar-se, transformando-se em um jovem crítico e consciente, que sabe interpretar as situações ao redor, respeitando o próximo, compreendendo a necessidade de ajudar e transformar a realidade para um bem comum. A narração facilita a construção de opiniões, bem como esperar a participação do outro, efetivando a aprendizagem na escuta e expressão (FERREIRA, 2009).

Os contos infantis permitem à criança desde aprender até acalmar-se, favorecendo o desenvolvimento da imaginação a partir do lúdico, de modo que seja possível interagir com a história e transportá-la para a realidade, influenciando de maneira positiva a vida pessoal e acadêmica, oportunizando à criança a aquisição do conhecimento e alcance de competências fundamentais para a formação plena do sujeito, como a criatividade, o raciocínio, a criticidade, entre outras.

O PROFESSOR CONTADOR DE HISTÓRIAS

Durante a Educação Infantil, o professor representa um importante papel na formação das crianças, devendo escolher as estratégias de aprendizagem que mais estimulem e despertem o interesse da turma. O professor que atua com esta faixa etária, que inclui crianças até os seis anos de idade, dispõe da imaginação como aliada para a aquisição do conhecimento e descobertas infantis, podendo utilizar meios dinâmicos para conduzir sua aula (COSSON, 2010).

Diante desta realidade, faz-se fundamental ao professor da Educação Infantil a adoção de estratégias de ensino que envolvam situações lúdicas para uma aprendizagem significativa, considerando a importância para a criança apropriar-se dos saberes por meio de atividades que apresentem sentido. A contação de histórias, portanto, representa uma ferramenta facilitadora, especialmente nesta fase da escolarização, devido a possibilidade de misturar imaginação à realidade, a partir da interpretação e compreensão dos contos narrados (RIBEIRO, 2015).

A criança consegue assimilar melhor atividades que envolvam a contação de histórias, bem como a manipulação de materiais, jogos e demais situações lúdicas, que representam uma sensação de satisfação à criança. A experimentação trata-se de outro fator que enriquece o aprender e transforma conceitos em significados, sendo importante ouvir histórias e vivenciá-las, podendo o professor sugerir a criação de cenários, a representação gráfica, entre outras possibilidades, sempre respeitando as faixas etárias (SOUZA E BERNARDINO, 2011).

A contação de histórias caracteriza-se como uma atividade fundamental, que pode estar acompanhada de outras estratégias, quando utilizada como prática pedagógica. A contação de histórias pode ocorrer a partir de histórias de livros, narrativa por imagens e desenhos, reconstrução com recortes, a formação de painéis e dobraduras, teatros e fantoches, interpretação, continuação dos fatos, caracterização de personagens, entre outras situações de aprendizagem, de acordo com as

estratégias docentes (SILVA, 2012).

O professor contador de histórias, para uma prática significativa, deve escolher previamente a história, realizar uma narrativa para identificar as características do conto, bem como as possíveis palavras novas às crianças e selecionar os momentos de pausas, para enfatizar as passagens que deseja destacar. O primeiro passo para uma contação de histórias com sucesso é escolher o conto e questionar-se como a história auxiliará a turma no processo de aprendizagem e/ou entretenimento (SOUZA E BERNARDINO, 2011).

Na sequência, para a contação de histórias, a estratégia seguinte deverá ser a recriação do conto, de modo que a narração seja algo espontâneo, eliminando a mecanização da atividade. A linguagem também deve ser adequada, atendendo os vocabulários e capacidade de compreensão da faixa etária da turma. A criatividade do professor pode ser explorada ao máximo, de modo que as crianças sejam estimuladas e convidadas à participação da narração (AMARAL, 2014).

Outro passo importante é apropriar-se da história, de modo que o professor não seja surpreendido com palavras fora do contexto ou situações que não deseja abordar. Os cenários e caracterização das personagens devem ser criados na imaginação docente, a fim de ser possível transportar sua percepção da história às crianças, com enriquecimento de detalhes e repetições de situações que deseja enfatizar (COSSON, 2010).

"A contação de histórias é uma arte, que equilibra ouvir, pensar, imaginar e falar, não se limitando a uma declamação, mas sendo fundamentada no todo, nos detalhes, nas diferentes faces" (SILVA, 2012, p.26).

Portanto, cabe ao professor reconhecer cada especificidade da história escolhida para a narração, compreendendo os objetivos da atividade, de modo que cada passagem e ação dos personagens, bem como o despertar do interesse das crianças, seja assegurado com uma contação dinâmica, divertida e repleta de conhecimento à turma.

As práticas pedagógicas docentes para a contação de histórias, que objetiva o desenvolvimento das habilidades infantis, requer a adoção de diferentes estratégias para que o conto seja transformado na imaginação da criança, como a utilização de recursos visuais e brinquedos, por exemplo. Porém, nenhuma contação será eficaz quando a narrativa do professor contador for desanimada e descontextualizada, cabendo ao docente a necessidade de administrar as palavras, criando expectativas nas crianças, além de salientar passagens e situações vividas pelas personagens (MORENO, 2009).

A imaginação da criança caracteriza-se como uma capacidade rica em detalhes, mas o contador precisa auxiliar esta construção dos fatos a partir da narração com detalhes minuciosos, chamando atenção para momentos importantes, de modo que as emoções sejam despertadas e a criança consiga associar o que está ouvindo à sua realidade, mediando conflitos internos e problemas que pareciam sem solução (AMARAL, 2014).

A contação de histórias deve ser inserida em momentos estratégicos, com

ações previamente iniciadas, a fim de que a criança perceba o momento da atividade. O professor pode criar uma espécie de ritual, chamando as crianças para uma roda de conversa, preparando para que prestem atenção, apresentando a história à turma, para então iniciar a narrativa. Um espaço voltado para a contação de histórias também é importante, estimulando a participação das crianças a partir do conforto e harmonia, com iluminação adequadas e caracterização do local com letras, imagens, livros, entre outras possibilidades (SOUZA E BERNARDINO, 2011).

Amaral (2014) chama a atenção para o professor narrador evitar espaços abertos no momento da contação de histórias, como quadras de esportes e pátios, pois são locais de fácil distração às crianças, considerando a possibilidade de movimentação de outras pessoas, bem como o foco da criança voltar-se a objetos externos à história. A escolha de um local adequado representa boa parte do sucesso da contação de histórias.

Especialmente na Educação Infantil, a contação de histórias deve ser um hábito rotineiro, enriquecendo do vocabulário infantil, de modo que a criança espere e deseje o momento da contação. Além disso, a prática rotineira caracteriza uma ação pedagógica eficaz, que não se resume unicamente ao entretenimento, mas representa significados e conhecimento à turma (COSSON, 2010).

O professor ainda precisa fazer da leitura uma prática pessoal, transformando a atividade em uma vivência, proporcionando às crianças a percepção da paixão pela contação. A participação docente também é fundamental, de modo que o professor assuma momentos da história, apresente suas preferências e divida com a turma opiniões, sempre respeitando as manifestações das crianças (MORENO, 2009). A contação de histórias é uma prática pedagógica enriquecedora, devido a possibilidade de utilizar brincadeira e aprendizagem no mesmo contexto. A narração pode ser realizada pelo professor contador por meio de cantigas, rimas ou mímicas, para que a contação seja uma atividade prazerosa e repleta de conhecimento, proporcionando ludicidade ao processo de aprendizagem das crianças (SOUZA E BERNARDINO, 2011).

Na Educação Infantil, um dos eixos mais importantes está representado pela linguagem verbal, pois permite uma aproximação com a criança em fase de atenção às descobertas, palavras e ações. Neste contexto, o jogo infantil caracteriza-se como uma possibilidade de facilitação do aprender, pois direciona a criança à construção de hipóteses, formulação de ideias e observações críticas, ampliando a confiança da turma para expressar o que sentem, pensam e entendem das atividades escolares propostas (RIBEIRO, 2015).

Dentre os jogos infantis, o trabalho com a contação de histórias representa um dos momentos mais completos, pois envolve a comunicação, a linguagem verbal, a construção do pensamento, a imaginação, a interação, entre outros aspectos relevantes na formação da criança (COSSON, 2010).

Portanto, quando o professor escolhe a contação de histórias como jogo infantil, deve certificar-se que escolheu a narração adequada, de modo que a história não carregue preconceitos, mas permi-

ta conhecer novas culturas, compreender tradições, identificar diversidades e aproximar à realidade da criança.

Além disso, as preferências da turma devem ser consideradas, cabendo ao professor a sondagem para atender as necessidades das crianças, bem como estar sempre atento às mudanças. Conforme amadurecem, as crianças tendem a manifestar interesse por situações menos fantasiosas, que estejam cada vez mais próximo de sua realidade (RIBEIRO, 2015).

Segundo Silva:

Contar histórias tornou-se um suporte pedagógico rico e imprescindível para o desenvolvimento cognitivo, psíquico e linguístico fundamentais à formação do ser humano como leitor literário e do mundo ao seu redor. Ao adentrar em contado com técnicas simples e aplicáveis a um determinado e razoável número de histórias, os educadores podem usá-las em outras narrativas (SILVA, 2012, p.62-63).

Portanto, a contação de histórias representa uma prática pedagógica importante, que permite o desenvolvimento de diferentes competências e habilidades infantis, além de favorecer a formação de futuros leitores, quando a iniciação ocorre cedo e desperta o interesse da criança.

A contação de histórias faz correspondência entre a ficção e a realidade, desde que o professor contador tome para si a experiência das personagens, proporcionando à criança ouvinte que experimente as emoções narradas. Os diferentes cenários e situações compõe a imaginação infantil, porém, os sentimentos e emoções transpassam a ficção e configuram a realidade ao redor da criança (AMARAL, 2014).

O professor contador de histórias deve separar as palavras e expressões mais relevantes para destacá-las durante a narrativa, utilizando como recurso a entonação de sua voz, a oscilação do som, bem como a repetição de frases e características importantes. Além disso, durante a contação, pode questionar a atenção das crianças com perguntas para referências simples, desde que não destoe a atenção de forma demasiada (SOUZA E BERNARDINO, 2011).

Quando as crianças já estão familiarizadas com a história, o professor contador pode fazer pausas em momentos estratégicos, preenchidos pela participação da turma com a antecipação da narrativa, permitindo a criação de novos recursos de aprendizagem, como a inserção de sinônimos ou a apresentação de novos sentimentos. Cabe ao professor contador a caracterização das ações das personagens por meio da expressividade corporal e entonação da sua voz, chamando atenção das crianças para o que deve ser destacado em cada espaço da narração (RIBEIRO, 2015).

O suspense representa outro elemento importante na contação de histórias, diante da possibilidade de transformar a narração em expectativa para as crianças, deixando-as mais interessadas no próximo momento da história. O professor contador deve buscar o olhar da turma, manifestando as especificidades da história por meio da excitação alcançada pela espera das palavras (MORENO, 2009).

Sendo assim, a contação de his-

tórias depende da visualização previa do professor, em relação às particularidades da narrativa, bem como as determinações de possíveis questionamentos das crianças, além de exigir o envolvimento docente para que a história seja vivida pelo contador e pelo ouvinte, facilitando a assimilação dos fatos e proporcionando o despertar da imaginação das crianças.

O docente contador de histórias deve utilizar diferentes estratégias para realizar a contação, sempre buscando meios de despertar o interesse da turma, convidando todos para participar da atividade. A prática constante de contação de histórias favorece a formação de leitores, além de desenvolver habilidades fundamentais, como a interpretação, criticidade e criatividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste estudo foi fundamental para a percepção da relevância da contação de histórias para as crianças, especialmente em fase da Educação Infantil, diante da possibilidade de aquisição do conhecimento por meio de atividades dinâmicas e significativas, que permitem integrar a imaginação à realidade da criança.

O ato de contar histórias trata-se de uma prática antiga, utilizada entre os adultos para garantir a continuação da cultura e tradições dos grupos sociais. Mesmo antes da escrita, as comunidades uniam-se para contar experiências e costumes dos povos, de modo que as futuras gerações continuassem seguindo as crenças e atividades realizadas.

A partir da criação dos livros e registros documentais, as histórias adquiriam aspectos narrativos mais evidentes, cabendo aos contadores reinventarem suas práticas para manter o interesse do público ouvinte. Neste contexto, muitos contadores de histórias passaram a adaptar os contos e fatos às linguagens mais infantis, a fim de alcançar o público das crianças, pois manter a atenção deste grupo seria mais fácil, devido ao desconhecimento pelas palavras escritas.

Ao longo das décadas, a percepção dos benefícios de contar histórias às crianças passou a ser alvo de estudos de pesquisadores preocupados com a educação infantil, transformando uma atividade simples de contação em prática pedagógica significativa para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

A contação de histórias, portanto, permite às crianças o desenvolvimento da imaginação, assimilação entre as situações fictícias vividas pelas personagens e sua própria realidade. Quando ouvem histórias, as crianças tendem a utilizar as ações fantasiosas para resolver problemas e externalizar conflitos, apoiando-se nas atitudes das personagens para atender suas necessidades. Além disso, a contação de histórias proporciona o desenvolvimento das capacidades intelectuais, críticas e criativas, bem como a formação de opinião, o respeito às diversidades e a valorização de outras culturas.

A contação de histórias, para representar uma prática efetiva, oportunizando desde diversão até aprendizagem às crianças, deve ser realizada de forma intencional e organizada, conduzida por um contador seja capaz de transformar a leitura em algo interessante às crianças,

cabendo a necessidade de atribuir paixão à função de contar histórias.

Na Educação Infantil, a contação de histórias pode ser realizada pelo professor, que precisa escolher o conto adequado ao seu público, estudando previamente a história, para então realizar a prática. Enquanto narra, o contador deve sentir as emoções das personagens, transmitindo isso às crianças, além de enfatizar ações, destacar palavras importantes, chamar atenção da turma, entre outras características fundamentais para uma contação com sucesso.

O espaço para a contação também deve ser organizado, a fim de que a atenção das crianças esteja na história, bem como a continuação da atividade pode ocorrer com situações de encenação ou desenho de uma narrativa, por exemplo, atribuindo maiores significados ao ato de contar histórias.

A contação de histórias depende de uma prática intencional, cabendo ao professor contador superar a condição de transmissor, para atribuir significados as palavras e permitir às crianças que construam suas próprias hipóteses, favorecendo o desenvolvimento das habilidades infantis sem caracterizar a fantasia como algo obsoleto, mas integrando imaginação à realidade para auxiliar na formação da criança.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. M. O ator e seus duplos: máscaras, bonecos, objetos. 19ª ed. São Paulo: Senac, 2014.

BORGES, A. G. Leitura: o mundo além das palavras. 2ª ed. Curitiba: Instituto RPC, 2010.

BUSATO, C. A Arte de Contar Histórias no século XXI. 11ª ed. Petrópolis, RJ: 2010.

CALDIN, C. F. Oralidade e escritura na literatura infantil: Referencial teórico para a hora do conto. Revista da Educação Infantil, n. 13. p. 25-38, 2012. Disponível em: <http://www.periódicos.ufsc.br/>. Acesso em: 12/02/2021.

COSSON, R. O espaço da literatura na sala de aula. 15ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

FERREIRA, A. Contar histórias com arte e ensinar brincando: educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. 1ª ed. Rio de Janeiro: WAK, 2009.

GARCIA, S. G. Leitura e contação de histórias: um exercício imaginário. Revista Alfabetização Básica, v,11, n.19, 2010. Disponível em: <http://www.alb.com.br/cole3642.pdf>. Acesso em 02/02/2021.

MORENO, L. A. O lúdico e a contação de histórias na educação infantil. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, v.10, n.97, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/cadernosdepesquisa/1984-9851.pdf>. Acesso em 02/03/2021.

NEDER, D. M. A importância da contação de histórias como prática educativa no cotidiano escolar. Pedagogia em Ação, Belo Horizonte, v.01, n.01, 2011. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/pedagogiacao/article/view.pdf>. Acesso em 26/02/2021.